

# PSICOPEDAGOGIA: SUA HISTÓRIA, ORIGEM E CAMPO DE ATUAÇÃO

<sup>1</sup>Elza Karina Oliveira dos Anjos

<sup>2</sup>Juliana Rocha Adelino Dias

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as diferentes fundamentações teóricas que influenciaram a psicopedagogia. Contudo, considerou-se que longo dos anos algumas teorias como o construtivismo tornou-se uma importante referência para a educação. Foi, também, considerado no estudo as áreas de conhecimento que constituíram e deram origem a psicopedagogia, como também, foi levantado as áreas de atuação da mesma. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico que revelou que o psicopedagogo pode desenvolver com o seu trabalho a capacidade do aluno de tornar-se mais consciente e ativo no seu próprio processo de aprendizagem. Para isso, faz-se necessário que o psicopedagogo tenha uma escuta e um olhar diferenciado sobre cada sujeito, cada grupo, e cada contexto.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia; Psicopedagogia institucional; Psicopedagogia clinica.

## ABSTRACT

The present work aims at presenting the different theoretical foundations that influenced educational psychology. However, it was found that over the years some theories such as constructivism has become an important reference for education. Was also considered in the

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e concluinte do curso de pós-graduação em Psicopedagogia pela FALS, Praia Grande, SP. E-mail: [elzakarinaanjos@com.br](mailto:elzakarinaanjos@com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Educação e Orientadora da pós-graduação em Psicopedagogia pela FALS, Praia Grande, SP. E-mail: [juliana.dias@me.com](mailto:juliana.dias@me.com)

study areas of knowledge that constituted and resulted in educational psychology, as was also the raised areas of the same. This is a survey of literature revealed that the stamp that psychoeducator can develop with their work the student's ability to become more aware and active in their own learning process. For this, it is necessary that the educational psychologist has a listen and a different look on each subject, each group, and each context.

**Keywords:** Theories, institutional Psychology, Clinical Psychology.

## **Introdução**

A psicopedagogia surgiu com o intuito de ajudar as pessoas com problemas de aprendizagem, e seus ramos de atuação situam-se, sobretudo, na ações preventivas em instituições e na clínica com atendimentos individualizados (BOSSA, 2011, p.48). Portanto, a psicopedagogia propõe-se a buscar uma resposta para os conflitos na aprendizagem com técnicas de trabalho que podem ser desenvolvidas de maneira individual ou em grupo, para assim resgatar a vontade de aprender, de modo a observar quais fatores, possivelmente, podem contribuir ou não para a processo de ensino-aprendizagem.

A psicopedagogia possui um enfoque interdisciplinar abrangendo a Pedagogia, a Psicanalise, a Psicologia, a Epistemologia, a Linguística e a Neuropsicologia, dentre outras áreas do conhecimento. (BOSSA, 2011, p.40). Todavia, torna-se importante compreender que as diversas áreas do conhecimento citadas e que balizam as práticas psicopedagógicas não devem ser utilizadas isoladamente. Pois, o individuo deve ser compreendido como um ser social e complexo.

Nos anos 60 e 70 as correntes teóricas, principalmente, utilizadas na Psicopedagogia eram o Behaviorismo e o Humanismo. O Behaviorismo tinha o estímulo e resposta como parte essencial. Enquanto que, o Humanismo propunha fazer a vontade do ser que aprende. O ser humano como ser histórico e social não era valorizado (MARTINI, 1994, p.3).

Na contemporaneidade, observa-se que a psicopedagogia pauta-se, em três fundamentações teóricas, na psicanálise, no associacionismo e no construtivismo. Na psicanálise uma base fundamental é o vínculo, portanto, de acordo com a psicanálise, é necessária a criação

do vínculo para que ocorra a aprendizagem. No associacionismo a valorização esta centrada no tecnicismo, neste caso, prevalece o elemento externo sobre o cognitivo. No construtivismo as relações sociais mostram-se essenciais para o desenvolvimento, pois elas orientam o sujeito na construção do conhecimento (MARTINI, 1994, p.4).

Considerando a construção e evolução da psicopedagogia, o presente estudo tem como objetivo levantar as principais fundamentações teóricas que contribuíram e continuam a dar corpo à psicopedagogia. Para isso, será realizado um breve histórico sobre sua origem e influencias teóricas, com destaque ao construtivismo de Piaget. Pois, acreditamos que com essa incursão histórica poderemos colaborar para um melhor entendimento das práticas psicopedagógicas.

### **Influências na psicopedagogia**

Assim que é gerado o individuo inicia-se uma longa trajetória de variadas aprendizagens. O sujeito durante a sua vida acaba se constituindo, aprendendo e reaprendendo. Pela aprendizagem o ser humano passa a se desenvolver, de maneira a constituir sua própria identidade a partir de suas vivências, segundo Martini, (1994, p.1) “o [...] processo de aprendizagem pode ser positivo, prazeroso e eficaz, mas, por outro lado, o inverso pode ocorrer, e o aprender torna-se uma dificuldade e um desprazer”.

Por ser uma ação complexa, o processo de ensino e aprendizagem, faz-se necessário o aprofundamento das questões que estão intrínsecas nesse processo. O papel do psicopedagogo fundamenta-se, sobretudo, nas dificuldades que podem acontecer nesse processo, de maneira que o mesmo, provavelmente, possa desvelar os obstáculos que estão impedindo o sujeito de aprender para que consiga, assim, oportunizar possíveis meios para intervir adequadamente junto ao problema.

Por isso, torna-se importante para o psicopedagogo compreender como acontece a aprendizagem. E algumas teóricos, sobretudo, da área da psicologia podem auxiliar no entendimento de algumas dessas questões. Para o estudo foram selecionadas algumas das teorias que subsidiam a psicologia, dentre as quais destacamos o behaviorismo, o humanismo e o materialismo-histórico.

O behaviorismo pode se exemplificar no ensino tradicional, nele não é estimulado a

criticidade do aluno e o professor é reconhecido como um mero instrutor, dentro de uma relação verticalizada, que prevalece, o que para muitos, pode ser considerado um estilo arcaico de ensino, como retrata o autor a seguir:

Muitos críticos designam esta tese por psicologia da mente vazia, tanto por se recusar a estudar a vida mental, quanto por defender que esta surge, não de potencialidades mentais inatas no organismo, mas sim da associação entre reflexos automáticos e determinados estímulos do meio. Segundo Watson, qualquer comportamento humano ou animal (desde uma simples emoção até à resolução de um complicado problema matemático) pode ser explicado pelo encadeamento de associações simples entre estímulos e respostas. De acordo com esta posição, Watson opôs-se vigorosamente aos defensores de teorias inatistas (segundo as quais a aprendizagem depende do potencial de inteligência com que nascemos) e maturacionistas (segundo as quais a aprendizagem depende do processo de maturação fisiológica) (GONÇALVES, 2007, p. 27).

Portanto, Watson desconsiderava fatores, que hoje sabemos, que são importantes, ele colocou o ser humano para ser analisado apenas em seus instintos. Watson teorizou que com o condicionamento, por estímulos, qualquer problema poderia ser resolvido pelo sujeito. Segundo Gonçalves (2007, p. 27): “Watson garantia que se conseguíssemos monitorar e controlar os estímulos em uma criança recém-nascida constantemente ao longo de seu crescimento poderíamos fazer dela tudo o que quiséssemos: advogado, médico, pedinte [...]” . Para Watson, o meio era o fator que influenciaria o comportamento, se houvesse o controle do meio se obteria o comportamento desejado.

No humanismo a teoria se baseava em deixar a criatividade do aluno livre, para com isso intensificar a aprendizagem. Carl Rogers um dos principais teóricos do humanismo e declara que:

[...] a pessoa educada é aquela que aprendeu a aprender, que aprendeu a adaptar-se e mudar, que aprendeu que nenhum conhecimento é seguro e que só o processo de busca do conhecimento provê base para segurança. A abordagem rogeriana implica que o ensino seja centrado no aluno, que a atmosfera da sala de aula tenha o estudante como centro; implica confiar na potencialidade do aluno para aprender, em deixá-lo livre para aprender, escolher seus caminhos, seus problemas, suas aprendizagens. O importante não é aprender certos conteúdos, mas sim a auto-realização e o aprender a aprender. (MOREIRA, 2009, p.56).

Por isso, nessa linha de pensamento, o professor deve esperar que o aluno assuma o controle de ações e que gerem seu conhecimento, pois a aprendizagem depende do aluno e de suas atitudes, o professor, nessa teoria, será o facilitador (MOREIRA, 2009, p.56). Para Carl Rogers, o indivíduo é responsável pela capacidade de mudança, conforme afirma Moreira (2009,

p.56) “Ele acredita que as pessoas têm dentro de si a capacidade de descobrir o que as está tornando infelizes e de provocar mudanças em suas vidas, mas esta capacidade pode estar latente. Com essa abordagem um fator importante foi esquecido, o social.

O materialismo-histórico surgiu nos anos 80, foi uma oposição ao behaviorismo e ao humanismo. No entanto, segundo Neves (1991) as três fundamentações teóricas eram inflexíveis em seus posicionamentos e ignoravam aspectos relevantes de ordem biológica, psicológica e social. O materialismo-histórico não legitima o presente sem considerar o passado em seus acontecimentos, políticos, econômicos e sociais segundo, conforme revela os autores ao apontarem que :

[...] a educação nunca pode ser vista desatrelada do processo histórico. A História é a palavra chave de toda a nossa fundamentação, pois é por meio da História que se pode analisar o presente, ou seja, é somente conhecendo o passado que se compreende o momento vivido em que se estabelecem relações. Ressalta-se sempre em formar e não informar, formar pessoas capazes de refletirem, de pensarem, de fazerem indagações (BARROS; FRANCO 2008, p.4).

O materialismo-histórico tem suas origens em Karl Marx, é uma crítica ao consumismo, ao capitalismo em detrimento do socialismo.

No associacionismo são destacados os conteúdos que serão aplicados aos alunos, o ensino, de acordo com essa linha de pensamento, deve ser realizado em uma sequência a ser seguida, para que assim o aluno possa chegar a uma resposta certa, como nos apresenta o autor a seguir:

Associacionismo é o termo usado para caracterizar, dentro da Psicologia, qualquer teoria que defenda, como base de explicação teórica dos fenômenos psíquicos, a determinação dos elementos básicos que o determinam, elementos esses que seriam irreduzíveis, seguindo, assim, a influência da Física da época que via o átomo como elemento irreduzível, indivisível (NEVES, 1997, p 1).

Porém, Sisto (1996) cita essa metodologia como um modo de ensino técnico e que não prioriza a cognição. O condicionamento continua como parte central do ensino e persiste o externo sobre o interno. Como alternativa a essa teoria, o autor apresentou uma opção teórica, a do construtivismo piagetiano.

Para Sisto (1996), a teoria do construtivismo não beneficia somente os conteúdos, a prioridade está na construção do conhecimento, com a valorização das interações feitas no

cotidiano. Colocar o construtivismo como base teórica da psicopedagogia, não seria somente transferir o compromisso de aprender ao aluno e seu intelecto, seria um entendimento que o conhecimento não pode ser apenas recebido, somente com instruções ou reconstruções do ensino. A conjectura dessa aprendizagem se distinguiu por entender que o conhecimento deve exigir procedimentos que não privilegie apenas o cognitivo ou afetivo do aluno, segundo Moreira:

Outra consequência clara é a do conflito cognitivo. Segundo a teoria piagetiana, o sujeito, interagindo com o mundo, constrói esquemas de assimilação com os quais, então, assimila situações conhecidas. Quando a situação é nova é preciso acomodar, ou seja, reformular um esquema de assimilação, construir um novo esquema, ou abandonar a tarefa. O ensino, em consequência, deve provocar conflitos cognitivos, quer dizer, propor situações para as quais os esquemas dos alunos não funcionem, de modo a provocar a necessidade de construção de novos esquemas. Em termos técnicos, dir-se-ia que o ensino deve conduzir à equilíbrio majorante e, portanto, a aprendizagens (2009, p.17).

Piaget postula que a criança precisa assimilar e depois pode acomodar ou não, as informações recebidas, modificando seus esquemas com essas construções cognitivas. Quando há interação com o mundo o indivíduo se encaminha para uma integração organizada, pois a cada novo conhecimento ele ganha mais meios de adaptação ao meio, elevando seu grau de organização. A cada conhecimento que leve a acomodação, o sujeito também alcançará a adaptação e a organização (MOREIRA, 2009, p.13).

Para Piaget as relações sociais são determinantes para o desenvolvimento, pois o sujeito influencia e acaba por ser influenciado pelo ambiente social. As crianças aprendem a se comportar por meio da interação com os adultos, a cada contato, novos comportamentos vão surgindo. O nível de socialização é algo que impacta de maneira contundente a sua identidade. Contudo, é importante ressaltar que os estágios de maturação vão influenciar o nível de socialização. Piaget definiu graus de socialização que variam do zero para o recém-nascido, ao maior que seria quando a criança tem autonomia. Segundo Piaget a socialização conta com dois requisitos básicos, a cooperação e a coação.

A relação de cooperação é dinâmica por gerar possibilidades; como afirma Piaget, os caminhos, para aquele que se compromete em ser cooperativo com o outro, são muitos. Quanto à criança, as primeiras relações que estabelece são as de coação – pai, mãe/filhos (as); adulto, professor/criança. Isso, pelo fato de que o infante é aquele que deverá ser educado e orientado pelo adulto. O próprio Piaget afirma ser esta fase obrigatória e

necessária para se estabelecer o processo de socialização da criança. (GOMEZ et al, 2010,p.1)

Piaget cita a coação e a cooperação como condutas de relações sociais. A coação indicaria a relação de prestígio de uma pessoa para com a outra, como a de um aluno com seu mestre, ou pela disseminação de ideais, conceitos e princípios tradicionais do meio social. Quando o sujeito é coagido ele se limita a acreditar, sem questionamento, divulgando essas ideais acaba conservando as ideias, crenças, pensamentos e dogmas. Com esse tipo de comportamento o sujeito produz uma relação desequilibrada e não consegue se desenvolver plenamente, já que não tem criticidade e acredita em verdades prontas e acabadas. Esse tipo de relação é considerada de nível baixo, pois não há conversação, perde-se na socialização tanto o que é coagido quanto o que coagi. (GOMEZ et al, 2010, p.1). A cooperação seria uma maneira crítica de socialização, mas para Piaget a crianças necessita de normas e por isso a relação de coação se faz necessária.

As teorias influenciaram as concepções psicopedagógicas, porém deve-se ser considerado também as áreas de conhecimento que foram e são responsáveis pela composição da psicopedagogia. Pois, como já informado, a psicopedagogia surge da união de várias áreas do conhecimento como Filosofia, Neurologia, Sociologia, Linguística e a Psicanálise. Contudo, segundo Sisto (1996) a psicopedagogia no Brasil tem sido sustentada, sobretudo, por três pilares, a psicanálise, o associacionismo e o construtivismo.

A psicanálise tem um viés baseado na emoção, para essa área do conhecimento só vai haver aprendizagem se houver afetividade, para a criação do vínculo, segundo Klein:

Ao falarmos da importância do emocional e intelectual nas aprendizagens, percebemos que ambos não ocorrem completamente sozinhos. Há sempre um objeto, o objeto a ser conhecido ou aquele que impulsiona para o conhecimento. Pode ser a mãe, o pai ou o professor. É ele quem dá condições para que as aprendizagens aconteçam. Nesse momento, o vínculo recebe maior destaque, pois ele ocorre como uma ponte, que estabelece conexões, para que tanto o emocional, quanto o intelectual consigam se desenvolver de forma adequada. (2010, p.4).

Para que aconteça a aprendizagem é importante que se estabeleçam vínculos afetivos, pois eles possibilitam o desenvolvimento. Para Sisto (1996) esse enaltecimento da afetividade, deixando outros fatores intelectuais de lado, pode acabar tarimbando crianças normais, como crianças com desordens mentais, porque elas podem ter apenas problemas de aprendizagem em uma área do conhecimento, que são de fácil resolução.



A ação psicopedagógica é utilizada em três campos, no clínico, no institucional e na investigação científica (MARTIN, 1994, p.3). A presente pesquisa vai apresentar a modalidade clínica e institucional.

### **Psicopedagogia Clínica**

A psicopedagogia clínica é realizada terapeuticamente. O psicopedagogo que atende em clínica se concentra em descobrir o porquê o sujeito não aprende, para auxiliá-lo (BOSSA, 2000). Com o desenvolvimento do trabalho o psicopedagogo colabora na construção da autoestima, que se desfez na trajetória estudantil. Dessa forma o sujeito é conduzido a descobrir suas competências e aptidões, construindo seu saber. O atendimento clínico é praticado em centros de saúde e clínicas e normalmente os atendimentos são feitos individualmente (VERCELLI, 2012, p.73).

A avaliação psicopedagógica é um processo que o psicopedagogo deve cumprir e têm que envolver diferentes atividades, é nesse momento que o psicopedagogo decide quais serão as estratégias de intervenção. Na avaliação psicopedagógica é feita uma análise sobre a aprendizagem do sujeito tentando compreender como e quando começou o problema. Para fazer uma avaliação é preciso que sejam realizados alguns procedimentos como uma entrevista inicial, com o motivo da queixa, análise do material escolar, diversos modelos de atividades em diferentes disciplinas, testes que verificam o nível de desenvolvimento e sondagens (MORAES, 2010, p.4).

O psicopedagogo precisa estar atualizado e ciente de todos os problemas que possam servir de obstáculos, Gamba e Trento corroboram a ideia ao indicarem que:

Para que o trabalho em uma clínica de Psicopedagogia seja realizado com sucesso, o envolvimento dos profissionais que ali atuam é de extrema importância. O psicopedagogo precisa estar atento às inúmeras possibilidades de intervenção, levando em conta as dificuldades apresentadas pelos clientes que buscam sua ajuda, bem como a própria disponibilidade frente a novos aprendizados demonstrados por este (2009, p.2).



Ter ciência das possibilidades do aluno é o primeiro passo para que o psicopedagogo possa a refletir em intervir. A escolha do material de trabalho vai variar de acordo com as necessidades do sujeito, e a adaptação é feita constantemente (GAMBA e TRENTO, 2009, p.3).

### **Psicopedagogia Institucional**

A psicopedagogia institucional pode ser desenvolvida no contexto hospitalar, no setor empresarial, em organizações assistenciais e na instituição escolar. No entanto, o enfoque deste trabalho está embasado apenas no contexto escolar, local que a psicopedagogia pode ser realizada preventivamente e sua função é, principalmente, de antecipar os problemas que podem ocorrer na aprendizagem e assim combater o fracasso escolar. Por isso, a psicopedagogia institucional se coloca, atentamente às variadas possibilidades de construção do conhecimento e valoriza o imenso universo de informações que envolve a vida escolar (OLIVEIRA, 2009, p. 39).

Hoje em dia as escolas do ensino regular atendem crianças especiais, o psicopedagogo tem um papel fundamental, de garantir a inclusão, porque apenas frequentar a escola não é aceitável, é preciso que exista a integração (BOSSA, 2000). A instituição deve assegurar meios para que o sujeito prossiga nos estudos e que esse conhecimento seja efetivo, se isso não ocorrer teremos que contemplar casos de exclusão dentro da escola. A escola é um local de todos e, portanto a inclusão é fundamental (VERCELLI, 2012, p.73). O professor tem que assumir uma postura de renovação, ajudando nas estratégias propostas, segundo Vercelli:

A Psicopedagogia institucional é um campo de estudo que vem se desenvolvendo como ação preventiva de muita importância, mas é vista como ameaçadora, pois tem por objetivo fortalecer a identidade do grupo e transformar a realidade escolar. Torna-se ameaçadora, pois em muitos casos, o psicopedagogo poderá propor mudanças para que determinadas crianças aprendam, mas, infelizmente, muitos educadores resistem a essas mudanças e interpretam o que lhes foi dito como se não estivessem dando conta do papel que exercem (2012, p.73).

É preciso a colaboração do professor, pois o psicopedagogo faz um estudo sobre as necessidades do grupo, mas precisa da ajuda de todos da escola. Para que o aluno volte a ter prazer em aprender o professor tem que se esforçar para auxiliar e gerar a integração (VERCELLI, 2012, p.76).

Quando recebe conhecimentos, o ser humano é incluído, de um jeito coordenado, nos

ambientes culturais e simbólicos, que acabam o integrando a coletividade. A escola tendo o dever de ajudar na obtenção do conhecimento passa a ser mediadora nessa inclusão do sujeito (BOSSA, 2011, p.141).

Contudo, é importante lembrar que a criança quando inicia a vida escolar já tem conhecimentos prévios, das vivências do seu meio, esses conhecimentos podem ajudar ou acabar complicando o desenvolvimento do sujeito. Portanto, o sujeito quando entra na escola, em torno dos seus sete anos, leva as suas vivências, suas experiências familiares e disso depende sua aprendizagem plena, segundo BOSSA:

Se a sua história transcorreu sem maiores problemas, estará estruturado seu superego e poderá deslocar sua pulsão a objetos socialmente valorizados, ou seja, estará pronto para a sublimação. A escola se beneficia e, também, tem função importante nesse mecanismo, pois lhe fornece as bases necessárias, ou seja, coloca ao dispor da criança os objetos para os quais se deslocará a sua pulsão, A escola, enfim, administra- bem, mal etc. - esse mecanismo pulsional da criança. Se tudo correu bem no desenvolvimento da criança, estará estruturado o seu desejo de saber: a epistemofilia (2011, p.144).

Por isso, o Psicopedagogo no contexto escolar assumirá o compromisso com a transformação da realidade escolar, à medida que se coloca de modo a fazer uma reorientação do processo de ensino-aprendizagem. Esse profissional levanta a possibilidade de reflexão dos métodos educativos e numa postura de investigação descobre as causas dos problemas de aprendizagem que se apresenta na instituição e que se depara em sala de aula. É papel do psicopedagogo na instituição conhecer a intencionalidade da escola em que atua através do seu projeto político pedagógico, de modo que o permita além de identificar as concepções de aluno e de ensino-aprendizagem que a instituição adota reconstruir esse projeto junto à equipe escolar conduzindo a reflexão e a construção de um ambiente propício à aprendizagem significativa. Além de repensar o fazer pedagógico da escolar, o psicopedagogo deve ter um olhar atento para entender o sujeito em suas características multidisciplinares, como ser cognoscente envolvido na teia das relações sociais, sendo influenciado por condições orgânicas e culturais.

Além disso, uma das ações do psicopedagogo é a intervenção, que visa fazer a mediação entre os alunos e seus objetos de conhecimentos, trabalhar as relações interpessoais, bem como estimular a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, numa perspectiva preventiva. Na intervenção, a ação psicopedagógica contribui para o processo educacional, buscando

compreendê-lo, explicitá-lo, ou modificá-lo. Ao introduzir novos elementos para o sujeito pensar é possível conduzi-lo à quebra de paradigmas anteriormente estabelecidos.

## **Considerações**

Diante do exposto, pode-se perceber que a psicopedagogia foi influenciada por variadas correntes teóricas (Behaviorismo, Humanismo, Construtivismo) e, ainda, que sua constituição se deu por meio da união de várias áreas do conhecimento, dentre as quais ressaltamos a Pedagogia, a Psicologia, a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia, a Linguística e a Psicanálise (BOSSA, 20011, p.39). Lembramos, também, que foi observado no presente estudo que, atualmente, a psicopedagogia é sustentada por três pilares, a psicanálise, o associacionismo e o construtivismo.

Observou-se no referencial teórico utilizado, que a psicopedagogia atua no sentido de analisar e intervir nos fatores que prejudicam o processo de aprendizagem. E essa intervenção pode acontecer tanto na clinica como em uma instituição, e o estudo enfatizou o trabalho do psicopedagogo na instituição escolar.

Pode-se inferir que o psicopedagogo atua na escola de modo a fomentar o pensamento sobre as diferentes demandas que surgem no âmbito escolar. Seu trabalho pauta-se na possibilidade de desenvolver no aluno a capacidade de tornar-se mais consciente e ativo no seu próprio processo de aprendizagem. Para isso, faz-se necessário que o psicopedagogo tenha uma escuta e um olhar diferenciado sobre cada sujeito, cada grupo, e cada contexto.

Com o estudo, foi possível levantar e reunir uma gama de conhecimentos sobre a história, as principais influencias e as áreas de atuação da psicopedagogia. Contudo, é relevante afirmar que não se esgotam aqui as possibilidades sobre o assunto. Visto que, a complexidade humana é algo mutável e sempre recheada de muita diversidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, M. S. F. FRANCO, Sandra A. P. *Formação: Educar a quem e de que forma?* Uma análise dos métodos que embasam a prática pedagógica do professor. Disponível em: < <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2060.pdf> >. Acesso em 19/09/2014.

BOSSA, N. *A Psicopedagogia no Brasil, contribuições a partir da prática*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

GAMBA, A B; TRENTA, V. A. *O Projeto de trabalho como mediador de aprendizagem no espaço clínico*. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3284\\_1745.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3284_1745.pdf)  
Acesso em 15/09/2014.

GOMEZ, L. P. S. et al. *A construção do indivíduo democrático a partir de uma perspectiva Piagetiana*. Disponível em: < <http://ava2.unitins.br/ava/files/projetoconteudo/34778b4c9d38757c980ae70382f8d435.html> >. Acesso em 08/09/2014.

GONÇALVES, S. *Teorias da aprendizagem, práticas de ensino*. Disponível em: <[http://susgon.files.wordpress.com/2009/08/teorias\\_da\\_aprendizagem\\_praticas\\_de\\_ensino1.pdf](http://susgon.files.wordpress.com/2009/08/teorias_da_aprendizagem_praticas_de_ensino1.pdf)>. Acesso em 04/09/2014.

MAMEDE-NEVES, M. A. *A aprendizagem vista pela ótica elementarista*. Disponível em: < [http://josecicero.wikispaces.com/file/view/CA\\_UNID3\\_APRENDIZAGEM\\_OTICA\\_ELEMENTARISTA.pdf](http://josecicero.wikispaces.com/file/view/CA_UNID3_APRENDIZAGEM_OTICA_ELEMENTARISTA.pdf) >. Acesso em 03/09/2014.

MARTINI, M. L. *Psicopedagogia: Algumas considerações teóricas e práticas*. Disponível em: < <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/psicopedagogia-N1-1999.pdf> >. Acesso em 04/09/2014.

MORAES, D. N. M. *Diagnóstico e avaliação psicopedagógica*. Disponível em: < [http://www.ideau.com.br/bage/upload/artigos/art\\_28.pdf](http://www.ideau.com.br/bage/upload/artigos/art_28.pdf) >. Acesso em 15/09/2014.

MOREIRA, M. A. *Comportamentalismo, Construtivismo e Humanismo*. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios5.pdf>>. Acesso em 04/09/2014.

OLIVEIRA, M. Â. C. *Psicopedagogia: a instituição educacional em foco*. Curitiba: IBPEX, 2009.

KLEIN, G. C. F. *Vínculos e suas implicações nas aprendizagens: contribuições da psicanálise à educação*. Disponível em: < [http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi\\_sepesq/arquivosPDF/28035/2487/com\\_identificacao/Artigo%20Sepesq%201.pdf](http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/28035/2487/com_identificacao/Artigo%20Sepesq%201.pdf) >. Acesso em 04/09/2014.

VERCELLI, L.C. A. *O trabalho do psicopedagogo institucional*. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/17281/10050> >. Acesso em 15/09/2014.